

# Dois PSDB em noite de festa

■ 'Renegados' e 'virtuais' são como água e vinho

JORGEMAR FELIX  
E ILMAR FRANCO

**B**RASÍLIA — Havia dois partidos no jantar de aniversário do PSDB. Um estava na tela do monitor de televisão que mostrava os discursos da solenidade de fundação do partido, em que desfilava uma galeria de renegados pelo governo Fernando Henrique, como Euclides Scalco, Pimenta da Veiga e José Richa. O outro partido estava ali, desfilar nos jardins da casa de festa Mansão Helenita, no Lago Sul, o bairro mais chique da capital.

O segundo PSDB personificava-se no deputado Moisés Benesby (RO), com sua estatura baixa e seus cabelos de fogo. Benesby levou uma máquina fotográfica de festa de aniversário e pedia a quem estivesse à mão para que registrasse sua presença ao lado dos notáveis do partido. Sempre que podia, Benesby posicionava-se estrategicamente para aparecer nas fotos tiradas pela imprensa.

O segundo PSDB é também o PSDB do presidente da Contag, Francisco Urbano, aquele que colocou um peru na mesa do ministro do Planejamento, Antônio Kandir (PSDB). "Não sabia que ia ser chique assim. Acho que vou embora", dizia um Urbano constrangido e sem gravata. "O chefe está muito bravo comigo", justificava-se, referindo-se a Fernando Henrique. Mas o que era o chique de Urbano?

Bolas de gás, azuis e amarelas

alternadas, na borda das duas piscinas, um toldo branco dando um ar de tenda árabe e um tucano inflável e gigante olhando todos de cima para baixo. As mesas e cadeiras brancas pareciam esperar os noivos, mas algumas acabaram ficando vazias. Ao contrário de Urbano, outros integrantes do partido estavam à vontade naquele cenário. O ministro das Comunicações, Sérgio Motta, chegou atrasado. Apareceu no meio do discurso do deputado Franco Montoro (PSDB-SP), que quase foi interrompido pelo ensaio de tumulto. Serjão chegou como um trator.

**PSDB virtual**— No PSDB virtual, aquele da tela do monitor, os tucanos cumprimentavam-se como uma grande família. Mas Serjão preferiu dar um abraço de urso no deputado Artur Virgílio Neto (PSDB-AM), que anda falando muito mal do governo. Mais tarde o deputado cumprimentou Fernando Henrique friamente. "Sou descendente de índio. Não consigo fingir que estou bem, quando estou p...", desabafou Virgílio.

Os discursos daquele outro PSDB, de nove anos atrás, em defesa do parlamentarismo e contra o PMDB e o PFL, doiam nos ouvidos do novo PSDB, que a boca pequena, nas rodinhas de conversa ou nas mesas, só falava em reeleição e na formação dos palanques de 1998. No microfone, Montoro pedia aos tucanos que não deixassem a bandeira do parlamentarismo no esquecimento. O desprezo era tão grande que o deputado Márcio Fortes (RJ) suplicava: "Prestem atenção ao discurso do Montoro, gente".

Em meio aos dois partidos, os fundadores do PSDB, Euclides Scalco e Pimenta da Veiga, foram recebidos com idolatria — quase a mesma que os jovens de hoje alimentam por Che Guevara. Foram cumprimentados pelos tucanos com aquele ar de quem não se vê há muito tempo. Ou que, em alguns casos, com a distância de quem nem se conhece.

A amizade viva do vídeo contrastava com cenas grotescas. O tucano Gustavo Ribeiro, do Distrito Federal, lá pelas tantas achou conveniente cumprimentar Fernando Henrique com um elogio: "Presidente, Raymund Aron disse que o problema da democracia é que nem sempre é escolhido o melhor, mas no Brasil tivemos sorte."

**Farinha pouca** — O governador de São Paulo, Mário Covas, teve azar. Na hora do brinde, os tucanos — tradicionalmente fartos e sofisticados em suas festas — abriram apenas uma garrafa da champanhe espanhola *Codorniu*. A única da festa. Muitos do novo PSDB correram para garantir seu pirão naquela farinha pouca. Outros foram obrigados a brindar com champanhe de novela. De ficção. Covas acabou brindando com água.

Serjão também não teve tanta sorte. Antes do brinde, os tucanos cantaram parabéns para os nove anos do partido e três de Plano Real. Serjão achou que o parabéns era pouco. Puxou, animado, um "é pic, é pic, é pic, é pic, é pic" e ficou por aí porque todos os convidados caíram na gargalhada. Faltou clima para se saber a quem o ministro pretendia homenagear com tanta alegria.

■ Tasso desdenha da possível união da esquerda em 98

FRANCISCO LUIZ NOEL

**A**nunciada união das esquerdas contra Fernando Henrique Cardoso na eleição presidencial de 1998 foi desdenhada ontem, no Rio, pelo governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), um dos convivas do jantar em que os tucanos festejaram os três anos do Plano Real e encamparam a candidatura do presidente à reeleição, na segunda-feira, em Brasília. "Não interessa que se unam vários partidos de esquerda ou de direita. O que interessa é que eles não têm sido capazes de apresentar um projeto realmente viável e alternativo ao nosso", disse Tasso Jereissati.

O governador, entrevistado no programa *Conexão Roberto D'Ávila*, que a Rede Manchete apresenta no domingo à noite, evitou críticas ao candidato em potencial das esquerdas, o petista Luiz Inácio Lula da Silva. Mas, mesmo ressaltando não ter como prever o futuro, considerou remota a derrota de FH. "Só uma coisa está clara: o Fernando Henrique, hoje, é um grande candidato, absolutamente favorito". Para Tasso, a aprovação das reformas no Congresso permitirá ao presidente investir mais na área social — seu calcanhar de Aquiles. Ele acredita que as reformas garantirão as condições preliminares para se avançar mais na área social.